



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-pedagogia-da-bolsa-sementes/>

A pedagogia da bolsa de sementes

Marília Mello Pisani [1]

RESUMO: Neste artigo, apresento o relato de algumas práticas pedagógicas desenvolvidas em uma disciplina optativa do ensino de geografia, oferecida por mim, uma professora do ensino de filosofia, em um curso de formação de professores de uma universidade pública do Estado de São Paulo, no ano de 2023. As práticas foram desenvolvidas em torno de ações como: a escrita de um grimório de agroecologia; a cartografia das placentas de gaia; a cartilha do solo vivo; a costura de uma bolsa de sementes. Junto ao relato de experiência, são apresentados os conceitos e os saberes que inspiram tais práticas. Ao final do texto, procuro indicar que a pedagogia da bolsa de sementes, como fruto de cruzamentos interdisciplinares, se sustenta em uma filosofia da ecologia entendida como prática radical para tempos de crises convergentes. O artigo assume o estilo ensaístico e experimental, como forma mais adequada ao material que apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Ecopedagogia. Agroecologia. Ensino de filosofia. Comunidades do composto. Donna Haraway. Ursula Le Guin.

Pedagogy of the seed bags

ABSTRACT: In this article, I present a report on some pedagogical practices offered in a teacher training course at a public university in the state of São Paulo, in the year 2023, by a philosophy teacher. The practices were developed around actions such as: the writing of an agroecology "grimoire"; the cartography of Gaia's placentas; the living soil textbook; the sewing of a seed bag. Alongside the experience report, the concepts and knowledge that inspire these practices are presented. At the end of the text, I try to indicate that the pedagogy of the seed bag, as the fruit of interdisciplinary crossings, is based on a philosophy of ecology understood as a radical practice for



times of converging crises. The article takes on an essayistic and experimental style, as the most appropriate form for the material it presents.

KEYWORDS: Ecopedagogy. Agroecology. Philosophical teaching. Communities of Compost. Donna Haraway. Ursula Le Guin.

Eu sou a Semente da Terra. Qualquer pessoa pode ser. Um dia, acho que
seremos muitos. (Octávia Butler, 2018, 101)

A pedagogia da bolsa de sementes é uma invenção feita de intuições desajeitadas e de uma necessidade de experimentar a sala de aula como aventura compartilhada em tempos de incertezas e de urgências. Fui guiada por algumas estrelas nessa travessia, algumas imagens e metáforas ativas, pensamentos e palavras, conhecimentos e práticas que aprendi na leitura de filósofas, cientistas, artistas, feministas, (agro)ecologistas, professores e ativistas que produzem conhecimento desde a segunda metade do século XX e cujos escritos fizeram fermentar possibilidades e imaginações no coração de uma professora. A fonte nutritiva de tal invenção é o amor e a revolta, que *co-movem* esse corpo no presente.

Há um impulso de relatar o contexto territorial onde essa professora vive e trabalha, a região do ABC paulista, região periférica chamada de Grande São Paulo. Mas vou suspender essa tentação e manter as raízes aéreas, não só porque isso alongaria demais o início desta escritura, mas porque, talvez, ao tirar os pés do chão por um certo tempo, ao evitar a descrição em formato de uma certa narrativa histórica, a gente consiga contar outras estórias [2]. Assim, tenho desejo de um fabular mais rizomático [3], o que significa para mim, nesse momento, uma vontade de construir "corredores ecológicos" (Haraway, 2023, p. 249) ao invés de fronteiras territoriais, sejam elas subjetivas e/ou epistemológicas. Na era da violência globalizada e das catástrofes convergentes, imagino que podemos aprender algo ao tirar os pés do chão e manter tais raízes aéreas, como aquelas dos manguezais, para respirar de outro modo, para fazer outras trocas talvez. Imagino esta narrativa como a construção ficcional de uma prática pedagógica não utópica, isto é, que não indica a produção de um outro futuro, mas que se apresenta como "práticas de vinculação" no presente: "as práticas de vinculação se desenvolvem a partir do entendimento de que o



restabelecimento e a continuidade de lugares em ruínas demandam formas inovadoras de gerar parentesco." (Haraway, 2023, p. 249)

O objetivo deste artigo é "modesto" e "não inocente" - termos que aprendi no diálogo entre Donna Haraway, Isabelle Stenger e Vinciane Despret, no qual sugerem que a teoria deveria passar de uma posição crítica totalizante e unificadora para uma de conexões parciais, que reconhece os limites daquilo que pode ser dito, explicitando onde se situa, qual a gênese das perguntas e as suas consequências: "será que [esta minha posição] parte das possibilidades de aprender ou ela descreve um estado de coisas?" (Stengers apud. Dorlins, 2012, p. 36). A estória que vai ser narrada é frágil nas escolhas, atropelada nos tempos, composta de múltiplos encontros e situações urgentes. A pedagogia da bolsa de sementes nasceu de cambalhotas mal-ajeitadas, giros e gingas desengonçadas mas necessárias para *com-seguir*, apesar de tudo, seguir dançando e vivendo em um presente tão turbulento.

A paisagem que a gestou é cheia de medos e descaminhos, mas também de brechas e de fissuras (como aprendi com Fabíola Fonseca, 2/10/2024) [4]: uma paisagem de pandemia. Meu objetivo é testemunhar modestamente como, a partir de uma experiência de fratura social, se pôde gerar desvios e gerar uma prática pedagógica específica, contextual, *co-responsável*, o que quer dizer, simplesmente, uma prática que surge *em resposta a* certas circunstâncias sociais excepcionais e cada vez mais comuns, como estamos começando a perceber e das quais não podemos mais escapar.

Quero contar o que aconteceu na convivência com quase 40 estudantes, por três meses, no primeiro oferecimento da disciplina de opção limitada intitulada "Práticas de Agroecologia: de(s)colonizando saberes sobre manejo e cultivo em solos tropicais", no final do ano de 2023. Preciso partilhar sobre a semente cheia de sonhos que plantamos na criação desta disciplina naquele ano; sobre o primeiro fruto que ela gerou; e como se deu o manejo e o cultivo das práticas pedagógicas em processos de escrita de um "Grimório", na construção de uma "Cartografia das Placentas de Gaia", na montagem da "Cartilha do Solo Vivo" e, finalmente, na costura final de "Bolsas de Sementes". Preciso costurar as estórias dessas bolsas, encontrar as linhas (tecidos, fragmentos de textos, palavras-feitiço, articular as estratégias com as memórias e os materiais), para juntar os retalhos, para dar corpo e densidade a esta experiência, para que ela possa seguir dando ainda outros frutos, quem sabe. E se a necessidade desta escrita emergiu neste



momento, isso tem a ver com a circunstância deste dossiê e com o convite a uma partilha que pode ligar territórios alhures. Escrevo com e para professoras e professores, com e para aquelas e aqueles que habitam esses lugares que ainda teimam a se chamar de "cuidado", de "público" e de "espaço comum" em tempos desafiadores (como sugerido por Luiz Guilherme Augsburg, 25/09/2024) [5].

Vejo três grupos de "coisas" em cima da mesa: os livros e as teorias que inspiraram tais fabulações [6]; os roteiros das atividades e das práticas pedagógicas realizadas; os materiais e as experiências produzidas pelas pessoas humanas e não-humanas que *co-habitaram* a sala de aula 105, do bloco Alfa 1. Quero dar a ver as linhas costumeiras e as errâncias (Marlon Miguel, 2015) que se teceram em Alfa-1. Ainda não sei o desenho final desse bordado, não prevejo o resultado do projeto; faço das palavras companhias amigas e vamos ver por quais caminhos nos conduz esta escrita.

Alfa 1

Uma primeira letra do alfabeto grego, com certa relação com a constelação de touro e com a Lua, segundo Plutarco em *Moralia* [7]. A palavra *alfa* também indica uma coisa significativa, o princípio de algo, o uno, o número 1. Este também é o nome de um prédio, do prédio principal, o primeiro, que inaugura o campus da Universidade Federal do ABC na cidade de São Bernardo do Campo, SP, sendo o Alfa 1 o primeiro dos primeiros. O Alfa 2 fica um pouco mais distante, perto do Beta, do Ômega e do Zeta. Tem o Delta, no centro, onde ficam as salas de professores. Um curioso conjunto de palavras foi escolhido para denominar os prédios e os laboratórios de uma universidade pública criada para impulsionar o progresso na região: sistema quadrimestral, ingresso interdisciplinar, um projeto pedagógico "inovador", do qual os estudantes saem com vários diplomas. Este é o fragmento material da estória que vai ser contada.

Porque o começo mesmo, o começo dessa estória, esse eu não sei nem onde nem como foi. São fragmentos de imagens que fazem das lembranças a matéria de uma escrita; e com alegria eu brinco com elas; e a partir delas eu invento. As ideias não precederam aos encontros. E os encontros só foram possíveis por circunstâncias fora do controle. Foram inesperados. A sequência de situações que marca os eventos também foi incontável. Então a gente se responsabiliza pelo modo de narrar a estória, a gente escolhe as companhias, e segue.



Agora Alfa 1 não é mais um prédio material de uma universidade real, mas um espaço-tempo fabulado. Ali encontram-se os habitantes nômades de uma comunidade constituída pela força das circunstâncias. Muitos estão ali porque precisam de "créditos" de disciplina optativa para garantir os pontos e conseguir o diploma para, quem sabe, acessar uma boa colocação no mundo do trabalho lá fora. Não, este motivo eu vou retirar da estória. Ele já não faz mais sentido. Os habitantes de Alfa 1 se juntaram em uma comunidade nômade porque, após viverem uma grande peste que assolou o mundo por dois anos, eles acreditaram que estava na hora de conseguir novas ferramentas para construir um mundo outro. E que não valia mais a pena esperar, seguir como se nada tivesse acontecido, ou refletir criticamente acerca das circunstâncias. Isso ajuda, porque toda estória ajuda. Mas escolheram estar ali porque sentiram uma necessidade vital de *fazer algo* no agora e responder a uma situação nova. Se juntaram por causa dessa esperança ativa. E também por amor e revolta. Outros [8] foram apenas para seguir os amigos, mas tudo bem, porque esse é um bom jeito de andar nesta vida.

Exatamente um ano antes do encontro em Alfa 1, eles retornaram pela primeira vez ao território. Era o ano de 2022 quando as portas foram abertas, após dois anos de isolamento social compulsório devido à pandemia de COVID-19 provocada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave, que matou muita gente e deixou o mundo de ponta cabeça. Muita gente não acreditava nos primeiros sinais de que viveríamos por tanto tempo uma situação como aquela. Isso é importante. Nem sempre a gente vê os sinais de perigo. Há uma negação que acontece em situações limites. Mas agora não dá para fazer como se não soubéssemos. Ou dá?

Pretendo sobreviver. (...) Quero aprender tudo o que puder enquanto puder. Se eu acabar lá fora, talvez o que aprendi me ajude a viver o suficiente para aprender mais. (Octavia Butler, 2018, p. 76)

"Quarentena"

Voltemos um pouco no tempo, o que não quer dizer voltar ao começo. Vamos renomear "Quarentena" como tempos de reclusões visando incubar modos de vida. Dizem que a prática teve origem nos séculos XIV e XV quando, na época da peste negra que assolou a Europa, os barcos que chegavam aos portos deveriam permanecer um tempo no mar antes do desembarque. A prática estava associada a processos de desinfecção e purificação com perfumes e enxofre, visando afastar o contato e o contágio com espíritos, demônios, algo que entra no corpo, flechas lançadas pelos



deuses etc., estando às vezes associada à noção de miasmas e à perturbação do equilíbrio e harmonia da *physis* [9].

Quando, em 2020, o "mundo" entrou em quarentena, as pessoas ficaram em seus "barcos". Uma mistura de medo, desespero e vertigem. Famílias e pessoas voltaram a conviver, algumas a conviver pela primeira vez e, outras, pela última vez; algumas deixaram de passar horas no trânsito para ir ao trabalho, mas ficaram cabeadas *on-line* por horas à fio; toda uma nova tecitura de cotidiano precisou ser recriada, modos de acordar, cozinhar, descontagiar qualquer coisa vinda de fora, o medo do ar e de respirar, o medo profundo da morte real, de si e das pessoas queridas. Muitos outros medos sociais emergiram: desemprego, violência, abandono, descuidado, fome, violência doméstica, alcoolismo, medicalização intensiva, sobrecarga de tarefas. Isso fez algo das pessoas, lembrem elas ou não. A vida virou de ponta cabeça, o que às vezes, só às vezes, ajuda a pensar melhor.

O barco em que eu estava tinha uma vista triste e desesperadora das ruas de uma grande metrópole da América Latina. Dentro do barco, um mundo outro se criou, estabelecendo uma relação profunda entre mim e uma abelhinha. Passávamos os dias juntas e ela, como abelha que é, estava desejosa de polinizar flores. Então começamos a plantar nas frestas de um apartamento. Essa abelha nasceu no dia da Agroecologia, três de outubro. Comemoramos seu aniversário no ano de 2020. Nosso barco estava conectado com outros mais distantes. E pelas redes começamos a nos aliançar ", a fazer alianças. Tudo o que tivesse a ver com fazer, com corpo, emergiu como uma necessidade vital, exaustas que já estávamos das atividades mentais, fossem as leituras ou as luzes azuis das telas todas. Com os olhos e a mente exaustas, o corpo começou o seu chamado.

Num dos barcos distantes, havia um exímio condutor de barcos. Ele, com seus conhecimentos de química, de filosofia da desconstrução e imbuído da imaginação poética de Gaston Bachelard, assim como com suas práticas pedagógicas e dos fazeres alquímicos, era, além de um condutor solar de barcos, um ancestral do "homem do campo" (Freitas, 2022), que vivia no mundo urbano ainda que ligado às raízes profundas da terra. Condutores de barcos são bons sonhadores. Com ele, pudemos vislumbrar uma "primavera (im)possível" (Tosold apud. Freitas, 2022, p. 191). Por alguns meses nos encontramos semanalmente *on-line* para estudos de agroecologia, tecendo as práticas e os conhecimentos bio-químicos sistematizados por Ana Maria Primavesi para a construção de um curso de extensão a ser oferecido para jovens e professores da região do ABC,



SP. Mesmo sem saber se seriam possíveis os encontros presenciais tão desejados, seguíamos com uma sensível firmeza de que estávamos fazendo o que tinha que ser feito. E nos juntamos a um grupo de outras navegantes, pelo mero desejo de estar juntas, para montarmos o projeto "Princípios básicos e práticas de agricultura: despertar das sensibilidades para os cultivos da terra" [10]:

Dado que a pandemia de COVID-19, por um lado reflete diretamente o modo como temos tratado a natureza, os ecossistemas e a biodiversidade, e por outro, impacta a soberania e a segurança alimentar das populações locais, este curso de extensão pretende incidir tanto sobre a percepção, reflexão e problematização das complexas e múltiplas relações de interdependência entre meio ambiente, solo, cultivo e ser humano, como criar alternativas para garantir meios para produção de uma alimentação autóctone, segura, sustentável e saudável. (Alexander Freitas, Marília Pisani, 2021)

Estórias são tecidas e tecem outras estórias. Aqui teria um fio a ser puxado, sobre como foi o curso de extensão naquele ano de 2021, como montamos e estruturamos os roteiros das aulas, as atividades propostas, as leituras conjuntas, os desafios, como era a turma que chegou e nos acompanhou por cada um dos módulos de 4 horas nas manhãs de sábado, etc. etc. Mas este fio fica para uma outra tecitura.

Uma estória é sempre um cruzamento, ela não paira sozinha no céu das narrativas. A tentativa de isolar uma estória pode criar o engano de que essa é "a" estória, a melhor ou mais correta versão da narrativa, a estória "alfa". Sendo assim, alguns "nós" inescapavelmente se cruzam.

Assim, com o final da quarentena, quando a maré baixou e a vida voltou ao "novo normal", nós perdemos aquela cotidianidade de vínculos construídos e, portanto, a clareza da extrema responsabilidade que havia entre nós e que fazia com que cuidássemos como nunca antes. Essas práticas se distenderam, dificultadas pelo tempo acelerado que retornou. Ainda há rastros, porque as vivências marcam a memória em corpos e afetos. Não mantivemos o grupo unido, mas conseguimos criar um novo curso para seguir esses passos. Então, surgiu esse novo cruzamento, um curso, uma oportunidade, que oferecemos, cada um de nós, num turno do terceiro quadrimestre de 2023 [11].



A bolsa de sementes como método

O retorno a Alfa 1 se deu em maio de 2022. Naquele momento uma metáfora começou a ativar sonhos e processos. Eu não conseguia tirá-la da minha cabeça. Meus passos, desejos e ações eram nomeadas com a ampla expressão de "coletar sementes para fazer uma bolsa que pudéssemos carregar e passar adiante". Essa expressão se tornou um mote para guiar o sentido das ações, seja nas práticas pedagógicas, seja nos modos de amar e de fazer vínculos.

Durante a quarentena, além dos estudos de agroecologia, fui seguida por alguns livros. Eles não saíam de perto de mim. Viraram companhias mesmo, nos acariciávamos constantemente. Com eles eu chorava e me emocionava. Com eles e elas eu entendia algumas coisas sobre aquele momento e me armava de sacolas para poder seguir. Aprendi a fazer *kit* de sobrevivência para três meses de isolamento. E ter tudo à mão quando necessário partir. Entendi a necessidade de registrar em diário o cotidiano alterado, assim como a necessidade de reler os diários dos tempos anteriores para não perder os passos já dados. E foi numa dessas leituras que encontrei outros diários, como os diários de Lauren Oya Olamina, a menina de 15 anos personagem do livro *A parábola do semeador* (2018), escrito pela premiada autora de ficção científica, Octavia Butler. Lauren Oya me inspira nas práticas pedagógicas que vou narrar. Porque eu aprendi a ouvi-la na fúria dos ventos, a vê-la nos gestos de criação e de morte, a senti-la na proteção de seus nove filhos, os nove afluentes do Rio Níger.

Dentro de uma bolsa, eu ia juntando as sementes e colocando-as dentro, junto comigo, sim, pois não importa aqui quem está dentro e quem está fora, porque fazer bolsas também é um jeito de habitar. Além da *Parábola do semeador* ([1993] 2018), também entraram nessa sacola o ensaio *The promises of monsters: a regenerative politics for inappropriate/d others* (1991), que me fez voltar o olhar ultravioleta para a terra, e o livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* ([2016] 2023), ambos de Donna Haraway; e finalmente *A teoria da bolsa de ficção* ([1986] 2021), de Ursula Le Guin. Havia muitos outros livros-sementes em volta, mas a gente precisa selecionar o que colocar nas sacolas, não dá para carregar tudo, especialmente quando a gente não sabe se e quando vai ser necessário correr.



Acho que todos nós deveríamos estudar livros como estes. Acho que deveríamos enterrar dinheiro e outras necessidades no chão, onde os ladrões não os encontrem. Acho que precisamos fazer pacotes de emergência, malas prontas com nossas coisas, para o caso de termos que sair daqui depressa. Dinheiro, roupas, fósforos, um cobertor... Acho que deveríamos estabelecer pontos lá fora para nos encontrar no caso de sermos separados. (Octavia Butler, 2018, p. 76).

Ao voltar a Alfa 1, sem saber ao certo o que fazer, o que dizer dentro de uma sala de aula pós pandêmica, junto a estudantes de licenciatura, eu não pude fingir. Não, não eram tempos "normais". Eram os primeiros encontros dos corpos num território em comum. Estávamos todos desprotegidos, em amplo sentido. Os corpos desabituaados a caminhar, os olhos sem saber como se entreolhar, as máscaras - um pouco tortas nos rostos - dificultavam a escuta. Uma emoção silenciosa pairava como nuvem densa ofuscante, enquanto seguia a máquina produtivista para tirar o "atraso" das aulas, para não pensar, para deixar para trás. Foi então que fez sentido aquela bolsa toda que me acompanhava desde a quarentena e começamos a tirar de dentro dela um modo outro de fazer e de contar as histórias da vida e de (im)prováveis mundos [12]. Busquei por uma "teoria bolseira" não para pensar-sonhar-habitar mundos pós-apocalípticos, como sugere Juliana Fausto acerca da obra de Le Guin, mas para construir narrativas e práticas anti-pós-apocalípticas, nem triunfantes, nem trágicas (Fausto, 2021, p. 8-9, p. 13).

A teoria da bolsa de ficção" [de Le Guin] propõe o abandono do mito do Herói e sua estrutura de guerra em favor de histórias de vida, nas quais pode haver conflito, mas em que este não é o elemento principal. Em jogo não está simplesmente o conteúdo, mas o método. (Juliana Fausto, 2021, p. 7).

De dentro dessa "sacola Le Guin" saiu um "método" que chamei de "pedagogia da bolsa de sementes". Era preciso escolher um caminho: o caminho das "coisas de matar ou o caminho da vida"; "as coisas de matar ou as coisas de pôr dentro coisas" (Fausto, 2021, p. 15). E o método das "coisas de pôr dentro" saiu de um jeito esquisito, como se fosse tirado de uma cartola de magia, uma lâmpada genial, um saco de mamãe Noel, esses recipientes que gestam coisas bem inusitadas. O que apareceu dentro dessa sacola? De uma conversa com um estudante, vieram as *placentas de gaia*, às quais ele mesmo me lembrou que eu havia sugerido anos atrás; do trabalho



com diários em sala de aula junto com o professor cientista alquimista, veio a inspiração para os *grimórios*; das caminhadas pela região do ABC, a vontade de conhecer cada horta comunitária cultivada em baixo das antenas de eletricidade, que cortam toda a região; da participação na Cúpula dos Povos, em 2022, no Rio de Janeiro, o conhecimento acerca da *Carta da terra* (2000) e a ecopedagogia; da visita ao Acre no trabalho com as mulheres seringueiras junto à Coletiva Uirapuru [13], veio a Cartilha *Poronga* de educação popular [14], desenhada à mão pelos seringueiros; da UFABC, o coletivo de apoio à agricultura familiar que fornece alimentos orgânicos para a comunidade, o chamado coletivo Cru-Solo, veio estar conosco e contar a sua estória e as outras estórias de cultivo da vida em comunidades não tão distantes. E assim, com muitas novas sementes, foi preciso costurar uma nova bolsa, parida dos fios da bolsa de quarentena. E depois disso, muitas novas vieram, bolsas e sacolas anti-pós-apocalípticas.

Chegada

A chegada a Alfa 1 foi repleta de expectativas e um pouco de confusão. A sala era pequena para tanta gente. Foi uma surpresa nos entreolharmos, algumas já se conheciam de outras passagens, outras estavam chegando ali pela primeira vez. Havia uma excitação no ar. A primeira semana foi dedicada a apresentar com cuidado a proposta do curso, eram duas aulas de duas horas por semana. Mas era necessário entrar por camadas, não lançar tudo de uma vez. Não era o caso de apresentar o plano de curso institucional na lousa, item a item, dia a dia, do primeiro ao último dia, com a prova, as avaliações, tudo de uma vez, como se fosse uma maratona. Acho um tremendo despropósito. Sinto tremenda ansiedade ao fazer isso, sinto-me exausta já no primeiro dia. Afinal, é só o primeiro encontro, tem tanta coisa que pode ser feita para ir se achegando, para preparar o "estar junto". A gente se habitua a apresentar que nem papagaio tudo que vamos fazer, onde vamos chegar - e o "produto". Não, antes fosse que nem papagaio, é mais como uma maquininha mesmo - "e se perdeu, abra o sistema SIGAA, faça o download e leia o programa". Não precisa de papagaio multicolorido para isso.

Mas não tinha como fugir, era preciso se preparar para a viagem. Era necessário abrir a mochila que nos trouxe até ali e ajudar a montar novas mochilas para o novo *per-curso*. Conforme eu ia contando o que precisaria entrar dentro das mochilas para a viagem, percebia leves sorrisos com o canto de boca, meio desconfiados; outras viravam a cabeça de ladinho, como se precisassem abrir mais o ouvido, ou seria para receber um carinho? Olhavam entre si. Esses pequenos gestos



significativos se repetiram por quase um mês. "Não sei se eu estou entendendo, pode explicar mais uma vez?"

"- Neste curso vamos construir um objeto ecopedagógico que chamaremos, junto com Ursula Le Guin, de *bolsa de sementes*, esse será o nosso objetivo final. Dentro dela vamos colocar alguns objetos que serão construídos ao longo do curso, de modo que estes possam ser levados alhures: um grimório, uma cartografia das placentas de gaia e uma cartilha do solo vivo. Além de outras sementes que vocês encontrarem no caminho e que possam ser úteis para o futuro. Além disso, a bolsa de sementes será um objeto material. Deve ser feita de material disponível à mão, nada deve ser comprado, não deve implicar uso de dinheiro."

"- Cartografia das placentas de quem? De Gaia? O que é isso um grimório? E o que é cartografia? E essa cartilha, como faremos? O solo é vivo, como é isso? É a mesma coisa que solo fértil? Não estou entendendo nada!"

As duas primeiras aulas foram dedicadas às leituras pacientes. Intuitivamente senti a necessidade de ir com calma e a importância de cuidar dos gestos, do tom e do ritmo, forjando uma presença naquele espaço; era necessário inserir um afeto para conquistar uma confiança *entre nós*, para podermos seguir juntas por três meses numa aventura que não sabíamos exatamente onde daria - e perceber que isso importava, que tínhamos uma missão pela frente. As primeiras palavras deveriam ser as mais simples e as mais sensíveis (como aprendi com os comunicados zapatistas); elas deveriam poder selar, unir, juntar, *uilikandê* [15] o compromisso coletivo para pensar, pós pandemia, *o que pode a agroecologia na educação*, o que ela nos ensina sobre o mundo em que vivemos e aquele que podemos sonhar no agora. Como conhecimento feito de muita pesquisa e muito acúmulo, seria necessária extrema dedicação; seria necessário se aventurar pela química e pelas tabelas de Ana Primavesi, pela história da modernização da agricultura, pela geopolítica dos agrotóxicos, pelo debate acerca do Antropoceno na geologia, pela crítica da ideologia das tecnologias verdes, pela política mundial de produção alimentos para o Terceiro mundo, pela biopolítica dos corpos intoxicados, pela filosofia da ecologia e pelos conhecimentos ancestrais e tradicionais. A agroecologia é uma ciência e um conhecimento com implicações éticas que nos ajuda a compreender a gênese de nosso mundo com suas violências e guerra, a pobreza e as desigualdades globais, ao mesmo tempo que promove uma mudança de consciência e, o mais desafiador, uma mudança de sensibilidade em relação a isso que chamamos de "natureza". Talvez



aqui esteja um dos maiores desafios: uma ecologia e uma pedagogia não antropocêntricas, ou seja, uma ecopedagogia, como sugere Moacir Gadotti em *Pedagogia da terra* (2000).

Era necessário trabalhar a arte do estar junto em companhias inesperadas e nem sempre desejadas. Era necessário pensar, com Donna Haraway, que a sobrevivência da vida na terra dependeria de "fazer parentes" com seres multiespécies e com pessoas não apenas consanguineamente ligadas a mim (Haraway, 2023). Para começar, fizemos uma grande roda de leitura. A leitura conjunta tem essa força de ir sintonizando os corpos presentes em frequências de voz e de escuta pela respiração. Começamos com uma leitura da *Teoria da bolsa de ficção* (2021), de Ursula Le Guin. Na aula seguinte, lemos um conto infantil de Ana Maria Primavesi, "Caiarara", do livro *A convenção dos ventos: agroecologia em contos* (2016). E fechamos a primeira semana.

Estes dois textos produziram um afeto ambíguo e necessário: se o primeiro trazia a "bolsa de sementes" ao primeiro plano, indicando que esta seria a ferramenta para construção de novos mundos, o conto infantil de Ana Primavesi abalou com a descrição da chegada das máquinas e a destruição da floresta contada a partir da perspectiva do miquinho "Caiarara" e seus amigos, a arara "Paquito", o ipê amarelo, o jacarandá roxo, o pau Brasil, as bactérias e fungos que faziam a "maquiagem" da terra, a centopeia, e a terra mesma, com seu lamento. A emoção tomou conta da sala, de modo que não pude continuar a leitura. Era suficiente. Era necessário saber parar.

Antes de entrarmos dentro das bolsas de Alfa 1, vale a pena colocar algumas palavras ainda sobre a teoria de Le Guin. Temos que sair daqui com a bolsa um pouco mais amarrada, para não deixar todas as sementes caírem.

Devir bolseira

O ensaio *Teoria da bolsa de ficção* (2021), de Ursula Le Guin, tem apenas 8 páginas. Nelas a autora sintetiza uma escrita espessa, ao mesmo tempo blasfema e irônica, no sentido que fala Donna Haraway, no primeiro parágrafo do *Manifesto ciborgue* (2009): que mobiliza humor e jogo sérios. Articuladas em torno da estória de coletar aveias está toda uma gama de feminismos na literatura, nas ciências humanas e naturais e na filosofia; e também conhecimentos nativos e indígenas da região da Califórnia. Nestas 8 páginas ela desconstrói o tipo de narrativa histórica que herdamos, aquela em que há sempre tragédia ou triunfo, vencedores e vencidos, muitas armas e objetos pontiagudos usados por Heróis para "esmagar e espetar e bater", para matar e conquistar. À esta



história ela diz que não pertence, pois se esta é aquela que caracteriza o que é "ser humano", então ela não teria como compor tal espécie. Sobre a outra estória, aquela sobre "a coisa em que se põe coisas dentro, sobre o recipiente para a coisa recebida", essa nós não temos ouvimos falar muito sobre ela. "Essa estória é nova. Isso é novidade" (Le Guin, 2021, p. 19).

É a estória que faz a diferença. É a estória que escondeu de mim a minha humanidade, a estória que os caçadores de mamutes contaram sobre esmagar, empurrar, estuprar, matar, sobre o Herói. A maravilhosa e venenosa estória do Botulismo. A estória do assassino. (...) O problema é que nos deixamos nos envolver na estória do assassino, e assim podemos acabar junto com ela. Por isso, é com certo sentimento de urgência que procuro a natureza, o sujeito, as palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida. (Ursula Le Guin, 2021, p. 21)

Contar histórias assume, nesta perspectiva, uma *responso-habilidade* decisiva com a manutenção, a destruição e a criação de mundos. Como tecnologia, a escrita, seja de romances e de ficções, seja de teorias científicas, produzem não só verdades e falsidades sobre o mundo; mais do que isso, elas produzem o próprio mundo. As palavras fazem, elas atuam. Esta ideia inspira profundamente, nos escritos de Donna Haraway, a articulação "SF" entre fatos científicos, feminismo especulativo e ficção científica que compõe as narrativas multiespécies em sua obra. SF não é um gênero literário, como ela nos explica, mas "um modo de atenção, uma teoria da história e uma prática de mundificação" que talvez consiga nos fazer "evitar o desastre inexorável e plantar o germe concebível da possibilidade de uma recuperação multiespécie e multiespaçotempo, antes que seja tarde demais" (2023, p. 217). Ao lado de SF, a expressão mundificar/*worlding*, que também aparece com recorrência na sua escrita, articula ao mesmo tempo o modo de produzir palavras (*words*) com o modo de produzir mundos (*world*): "Importa com que histórias contamos outras histórias; importa com que conceitos pensamos outros conceitos" (Ibidem, p. 214). Enfim, como tecnologia, a escrita se torna, nessas autoras, o meio e o fim para infectar o desejo de vida e induzir a uma transformação. Suas obras inspiram, assim, a "gestação de práticas de escrita SF" que sejam "compromissadas com o fortalecimento das formas de propor futuros próximos, futuros possíveis e presentes implausíveis, mas reais" (ibidem, p. 241).



Um livro guarda palavras. Palavras guardam coisas. Carregam sentidos. Um romance [um diário] é um patuá guardando coisas numa relação particular e poderosa umas com as outras. (Ursula Le Guin, 2018, p. 22).

Uma primeira bolsa nos conduz de volta para Alfa 1. Ela foi feita com um tecido jeans bem fino, que forma a parte da frente; a parte de trás foi costurada nas laterais com outro tecido fino florido de rosas vermelhas e amarelas sob um fundo preto. Abro o botão preto, depois a corda de linha que ajuda a fechar a boca da bolsinha. De dentro dela tiro, além das "sementes" que construímos no curso, um manual sobre a parceria das abelhas nos trabalhos de cultivo e cinco vidrinhos numerados, com sementes e um bilhete explicando quem são e de onde elas vieram. Pego nas mãos o grimório. É um caderninho pequeno, retangular, capa com padrões aleatórios em preto e verde musgo. Abro a primeira página e vejo um bordado de uma aranha sobre um tecido. As tachinhas de metal compõem o corpo-cabeça da aranha, enquanto as perninhas são feitas por miçangas de tubinhos pretos costurados. Na segunda página, à esquerda foi desenhada uma árvore em giz de cera e, à direita, há um texto que diz:

O que é um Grimório? Você deve estar se perguntando. Um Grimório nada mais é do que um livro de feitiços. Isso mesmo! Aqui você vai encontrar um apanhado de palavras mágicas que quando ditas têm o poder de mudar o mundo. Além delas, há alguns conhecimentos muito preciosos que serão imprescindíveis para que você crie um novo futuro possível. (Camila, 2023)

Desde 2017, passei a utilizar diários em cursos e disciplinas que leciono [16]. Diários de bordo para registro das práticas da licenciatura, diários etnográficos de pesquisa em ciências humanas, diários íntimos em estudos de gênero, diários de pesquisa ou *hypomnemata* na pós-graduação, etc. O que faz dos diários ferramentas pedagógicas interessantes é o aprendizado do cuidado como prática: cuidado com a experiência vivida, com os usos do tempo, com a finitude expressa na própria materialidade do caderno, com o registro de pensamentos ainda que em fragmentos, etc. Pois também é preciso cuidar das palavras. Diários servem de suporte para atividades que devem acontecer em processo. Diferente da prova ou dos testes que são para comprovar um conhecimento adquirido no instante, os diários acumulam conhecimentos no tempo, nos lembrando que conhecer é um trabalho do tempo. É preciso registrar, decantar, retomar, digerir, repensar, até dar forma a uma ideia. No curso de práticas de agroecologia, o diário nomeado



grimório teria como função inicial o registro das práticas de cultivo, uma espécie de livro de receitas de preparados para o solo e de como "fazer as coisas". No entanto, na hora de apresentar a proposta, fui falada pelas palavras, e saiu outra coisa: sugeri que o grimório não seria apenas um caderno de registro, mas de registro de "palavras-feitiço". Tudo que fosse escrito ali teria uma resposta no mundo, uma consequência. As palavras faziam coisas.

Feitiço é uma palavra cuja origem está relacionada com o espanto do colonizador português quando, em sua chegada à África, encontrou povos que atribuíam uma capacidade de ação às coisas tidas como “inanimadas”, atribuindo assim uma efetividade de agência às coisas. Chamaram de animismo quando, na verdade, o feitiço tinha muito mais a ver com a capacidade das “coisas” em “fazer” outras coisas. A ação, neste caso, não estaria apenas no polo do sujeito-humano mas das coisas mesmas, tais como em patuás e amuletos. A palavra “fetiche” entra, depois, no discurso colonial como forma de hierarquizar culturas entre bárbaras e civilizadas. Dentro da teoria de Marx e Freud, a palavra se tornou útil na descrição crítica do nosso fetiche, o ocidental capitalista burguês. A palavra tem sua origem no latim, *facticius*, o que quer dizer uma ação que faz, que é efetiva, que institui, altera, produz. [17]

Talvez seja possível recheiar um pouco mais as ideias neste momento, adicionando outra camada de sentido, e sugerir que o grimório seria um caderno de contra-feitiço. Para contra-efetuar o fetiche das tecnologias verdes, das práticas da agricultura moderna intensiva, dos agrotóxicos, do consumismo, das palavras desenvolvimento e sustentabilidade tão caras ao discurso ecológico contemporâneo. Contra-efetuar o feitiço com um outro feitiço. O segundo feitiço que o grimório pretendia contra-efetuar é o da paralisia da crítica, daquela repetição de discursos apocalípticos, trágicos, finalistas e fatalistas, que permanecem presos às narrativas de morte e de destruição. O que leva a sofrimentos imensos ou ao cinismo. Alfa 1 não poderia ser construída sob esse solo de morte. A ideia do grimório era forçar o pensamento a encontrar soluções, alternativas, estratégias que não fossem para o mundo todo, mas locais, interessadas e responsáveis com os contextos implicados, para resolver situações urgentes e possíveis, como sugerem as práticas de "cuidado feroz" [*fierce care*], de Manolo Callahan e Annie Paradise (2019).

No grimório, as palavras-feitiço seriam palavras que teriam o poder de alterar o rumo das coisas, palavras que “fazem fazer” coisas de outro jeito. Desse modo eu tenho que me responsabilizar por aquilo que escrevo e que digo, porque as palavras são efetivas, um tipo de feitiço com



consequências. Ao introduzirmos palavras-feitiço no grimório, as palavras que circulavam no debate em torno da agroecologia ganharam novas definições: se tornaram palavras que alteram caminhos e destinos.

Não à toa, grimório ou *grimoire* tem sua origem na palavra francesa *grammaire* e se refere à gramática, ao estudo da língua e seus usos, às convenções de fala e de escrita na constituição de um idioma. De acordo com Álvaro Faleiros,

[É] importante não apenas referir-se à compreensão de *grimoire* como 'livro dos bruxos', ou como 'discurso obscuro e escrita difícil', mas remeter à sua etimologia – gramática, por sua vez compreendida como 'letra', como 'livro de ciência oculta' e como metalinguagem, lugar de desenvolvimento de um discurso sobre a própria 'linguagem'. (2009, p. 49)

Mobilizando esses múltiplos sentidos, podemos ver nos grimórios, coletados dentro das bolsas de sementes, um idioma que aparece, com suas próprias palavras, usos e novas definições. De uma segunda bolsa, costurada a partir das dobras de um vestido bege e marrom com motivos afro-indígenas estampados, retiro um segundo grimório feito de papel reciclado pela própria bolseira. Ele é bem completo, cheio de desenhos, palavras e colagens de folhas. Dele vou retirar uma sequência de palavras-feitiço que, acredito, é exemplar do idioma de Alfa 1. Faço aqui uma síntese um pouco aleatória das palavras e algumas definições:

Sustentabilidade: do latim *sustentare*, "favorecer a sucessão de gerações"; **Tirambóia**, a borboleta que se alimenta do óleo da copaíba [há uma longa descrição da personalidade e hábitos desta borboleta]; **Meio ambiente;** **Natureza;** **Perspectiva holística;** **Placentas de Gaia**, "criar refúgios para a vida e os territórios floresçam"; **Soberania alimentar;** **Economia solidária;** **Agroecologia**, "poderosa ferramenta para regeneração da vida na terra, fazer floresta e plantar árvore"; **Sintropia;** **Solo vivo;** **Equilíbrio proteossíntese-proteólise**, "processo fisiológico interno da planta, é a base da proteção vegetal"; **Teoria da trofobiose** [inclui uma receita de como fomentar a trofobiose]; **Biocenose;** **Rizosfera;** **Skin care do solo**, "decomposição da celulose e lignina que cria matéria orgânica que cobre o solo", "essenciais para a geleia bacteriana" [que constitui os agregados do solo]; **Humusidades**, "habitamos humusidades não humanidades, Haraway"; **Escaravelho sagrado**, "o sagrado de gaia está em todos os lugares, inclusive no húmus, em nós e no besouro rola bosta"; **Fluxo de sucessão ecológica;** **Técnica de como levar bactérias para o solo;**



Ambuntuceno, [período marcado pela] "interdependência entre os *terraformadores*". (Beatriz, 2023)

Cartografia das placentas de Gaia

A expressão Placentas de Gaia surgiu a partir de uma articulação entre a teoria de Gaia de Lynn Margulis e de James Lovelock e a noção de placenta tal como usada na agricultura sintrópica de Ernst Götsch. Na teoria da Gaia, as pesquisas em biologia evolutiva realizadas nos anos 80-90 propuseram que o desenvolvimento das espécies na Terra teria se dado menos por competição do que por capacidade associativa; a sobrevivência estaria menos pautada na capacidade de uma espécie eliminar a outra e ganhar soberania num certo território, do que pela capacidade de fazer simbioses, ao que Lynn Margulis chamou de teoria da coexistência ou da co-simbiose. Esta teoria abre um novo modo de pensar a biologia evolutiva e tem implicações nos discursos sobre a vida e a política; assim como coloca em questão a noção mesma de indivíduo como um ser isolado do meio e todas as formas de taxonomias que identificam para poder isolar, estabelecendo fronteiras e hierarquias. Para esse debate, indico o ensaio *Ciborgues e simbiontes: viver juntos na nova ordem mundial* (Haraway, 2021). Uma segunda ideia importante, desenvolvida por James Lovelock, é que o planeta Terra funcionaria como um sistema homeostático geoquímico e geofísico em busca constante do equilíbrio para favorecer as condições para a vida, o que o levou à tese de que o planeta funciona como um organismo vivo.

Já a noção de "placenta", que dá título à atividade, foi inspirada nas práticas de agricultura sintrópica desenvolvidas por Ernst Götsch. Na agricultura sintrópica, a placenta é a prática de plantar sementes em alta densidade com o objetivo de garantir matéria orgânica para o solo, liberando o cultivo da dependência de insumos externos, como adubos químicos ou biológicos, e garantindo a autonomia e a sustentabilidade de um sistema agroflorestal. A prática tem o objetivo de ativar processos sintrópicos de restauração e regeneração das condições de vida visando sistemas agroflorestais complexos abundantes: semeando em alta densidade e diversidade, com plantios adensados, estes se tornam fonte de matéria orgânica para as próximas gerações de cultivo (Rebello; Sakamoto, 2022).

Na busca por palavras para inspirar novos mundos, sugeri certa vez que "placentas de Gaia" poderia ser a expressão útil para identificar espaços hábeis na sustentação e na ampliação da vida,



seja para enfrentar a fome na busca pela soberania alimentar de comunidades, seja para dar abrigo e refúgio às diferentes formas de vida exiladas nas grandes metrópoles. O exercício realizado em Alfa 1 surgiu desta inspiração.

"Você deve encontrar um espaço de horta urbana, de restauração de uma região degradada etc., no seu bairro, no caminho entre sua casa e seu trabalho, no caminho para a Universidade, na escola, ou pesquisando nas redes, etc. Você vai selecionar 1 espaço para ir até lá fazer visitas de mapeamento. O mapeamento deve seguir o modelo a seguir, que deverá ser o mesmo apresentado no relatório."

Com base neste comando ativador de processos, cada grupo de três habitantes de Alfa 1 se tornou responsável por contar a estória multiespécie de um território de cultivo. Ao final de quatro semanas de trabalho de campo, foi realizado um grande encontro para conversa sobre os aprendizados e para montar um mapa coletivo da cidade, inserindo nele cada "placenta de gaia". O roteiro da pesquisa de campo seguia o seguinte protocolo:

- i. Descreva a região em que está este espaço: localização.
- ii. Apresente a comunidade humana que cuida desse espaço, assim como a história deste espaço.
- iii. Descreva o entorno deste espaço, levando em consideração o entorno degradado (se for o caso). Tendo em vista a noção de antropoceno, observe o entorno do espaço e o descreva.
- iv. Descreva e apresente a comunidade de seres "mais-que-humanos" e "não-humanos" que habitam este espaço, ou seja, a sua biota.
- v. Descreva o que está sendo cultivado.
- vi. Descreva como é feito o trabalho de manejo e cultivo: produtos usados para cultivo, origem das sementes, como é feita a adubação, perceba se há matéria orgânica sobre o solo.
- vii. Descreva como é o solo deste lugar. Pegue nas mãos, descreva cuidadosamente, fotografe.
- viii. A partir de uma conversa com as pessoas responsáveis pelo espaço, descreva quais são os maiores desafios que estão sendo enfrentados para a sustentabilidade do espaço e para o cultivo.
- xix. Faça um desenho do espaço.



A roda de conversa sobre a pesquisa nos territórios aconteceu no Laboratório didático de ensino de filosofia, em Alfa 1. Foi uma noite intensa, porque todes estavam desejosos de partilhar o que tinham visto e ouvido. Se o roteiro estabelecia temas comuns para guiar o olhar e a escuta na ida aos territórios-placentas-de-Gaia, as narrativas faziam emergir diferentes singularidades e afetações. Como espaços de cultivo, as placentas de Gaia sustentavam não apenas práticas de agricultura, mas práticas de cultura, de formação de laços e de relações entre as pessoas e os seres do território. Descobrimos que as hortas têm uma função social fundamental de garantir um espaço de sociabilidade no bairro, especialmente para pessoas aposentadas; que elas também funcionam como espaço terapêutico para pessoas em tratamentos psiquiátricos e depressão; que elas são fundamentais para manter a autoestima e a sobrevivência de pessoas desempregadas; que elas restabelecem vínculos entre gerações; que a convivência do bairro com a horta não é simples e pode se tornar tensa (as hortas comunitárias são mal faladas como locais de sujeira, parasitas e bichos indesejados, de vagabundagem e de drogados), assim como a relação com os órgãos públicos; descobrimos, com surpresa, que há muito mais hortas espalhadas no nosso entorno do que pensávamos; os habitantes de Alfa 1 também fizeram vínculos nestes espaços e, a partir da escuta das estórias das pessoas, eles se tornaram parte daquele território em alguma medida. Afinal, quando a gente carrega uma bolsa, a gente se torna responsável por ela e por sua estória (Haraway, 2019).

Como cartografia, para além do mapeamento das informações que deveriam estar no roteiro a ser inserido como atividade final dentro da bolsa de sementes, o exercício implicou cada estudante afetivamente, trazendo lembranças e, na maioria das vezes, emoções pelos encontros propiciados. O que percebi, na escuta das estórias narradas coletivamente, na grande roda de conversa, foi uma euforia e um sentimento de vitalidade que tomou conta de Alfa 1. Foi um exercício simples de cartografia, ingênuo em alguma medida, mas que pretendia fazer sentir junto o que pode um trabalho no território e os deslocamentos que ele produz, não apenas como pesquisa, mas como vida. Abaixo apresento a lista das 17 placentas de Gaia mapeadas pelos Alfa 1, para torná-las visíveis mais uma vez:

Horta da Praça (Santo André [SA]), Horta das Nações (SA), Horta Escolar (Diadema), Horta Laboratório da FSP (USP), Horta Luis Pequini (São Bernardo do Campo [SBC]), Horta Seu João (Guarulhos), Horta Comunitária



do Belém (Tatuapé), Horta do Seu Benjamin (SBC, av. Preste Maia), Horta da Laje, Seu Zezinho (SBC), Horta Pedacinho do Céu, Horta Vila Vivaldi (SBC), Horta Centro Comunitário Vila Socialista (Diadema), Horta Campo Verde (SA), Horta do Seu A. (São Caetano do Sul), Horta do Baiano (SA), Horta dos Viana (SBC), Horta Alzira Franco (SA), Horta da Linha (SBC).

Cartilha do solo vivo

Desde o encerramento das atividades em Alfa 1, carrego comigo todas as bolsas. Não sei muito bem qual destino darei a elas. Já as mudei de lugar diversas vezes, algumas foram comigo para outros territórios. Há um cheiro ocre que delas emana. Há muito farelo de planta seca cada vez que mexo na caixa em que as deposei; há um vidro de infusão de ervas enrolado em tecido; uma bolota de barro amarrada com linha vermelha com uma semente dentro, uma "bomba de sementes", que já está esfarelado; entre muitas outras coisas. Cada vez que olho para elas e presto atenção aos materiais costurados e observo do que são feitas - os inúmeros tipos de tecidos e retalhos, plásticos, materiais sintéticos, reciclados, fios, barbantes, cordas etc. -, eu tenho a impressão de que estou diante de *tecnofósseis* que formarão os fósseis geológicos dos estratos do Antropoceno. Que destino posso dar a elas? Como ainda não tenho ideia, sigo fazendo o que aprendi com Donna Haraway, em "*Receiving three mochilas in Colombia: carrier bags for staying with the trouble together*" [Recebendo três mochilas na Colômbia: carregar sacolas para ficar junto com o problema] (2019).

Nenhuma dessas sacolas é uma utopia que estaria fora dos campos de extermínio, muito pelo contrário. Cada uma dessas *mochilas* situa tanto aqueles que as fazem quanto aqueles que as carregam em mundos que estão em jogo agora. As *mochilas* fortalecem as pessoas que as fazem e as que as usam. Estas sacolas fazem as pessoas mais mundanas, mais capazes de discernir e falar o que está acontecendo e como isso pode ser diferente. Cada *mochila* cresce de, e demanda por respostas para as questões urgentes sobre como contar histórias que podem ajudar a refazer a história para o tipo de viver e de morrer que merece presentes espessos e ricos futuros. (Donna Haraway, 2019, p. 11)

De dentro da caixa de papelão, retiro duas novas mochilas. Feita de um tecido branco muito fino, recortado retangularmente e com uma alça de renda também branca, ela tem na face um desenho de uma planta estilizada em canetinha verde; de dentro dela, retiro uma Cartilha do solo vivo.



Feito com folhas de sulfite costuradas com linha, como um caderno, e uma capa plastificada onde está colado um ramo de lavanda por baixo, eu posso sentir o perfume floral entrar pelas minhas narinas. É um caderninho muito delicado, nas palavras, no cuidado com que foi escrito à mão, na numeração das páginas. Não há excessos nem na escrita nem na estilização. Na página de abertura, leio:

Esta cartilha é uma pequeníssima fração de todo o conhecimento que a natureza nos oferece para apoiar no processo de regeneração da terra. Ela existe como uma pequena semente a ser cultivada pelos humanos em sua função de interagir com os seres não humanos em toda sua riqueza e complexidade. Que esta cartilha te inspire a aprender cada vez mais a linguagem da mãe terra, e que esse conhecimento cresça a cada geração para que o ser humano possa cumprir sua função na terra: *fazer floresta*. (Isabelle, 2023)

A cartilha de Isabelle foi dividida por tópicos, cuja sequência retomo aqui. Em "Aceitação", ela propõe o respeito à temporalidade própria da natureza. Em "Biodiversidade", fala da importância das espécies companheiras e do plantio diverso, dando o exemplo do plantio consorciado de banana e milho com laranja, inhame e mandioca. No item "fertilizantes químicos - NPK", ela explica a composição química deste produto comum na agricultura, descrevendo as práticas que podem fazer um sistema agrícola perder o equilíbrio e ficar dependente de insumos externos. Explica ainda que, de acordo com a teoria da trofobiose, além de baixar o valor nutricional da planta, tais insumos enfraquecem a planta, tornando-a vulnerável a animais e insetos considerados "pragas". Em "pragas", diz que elas são indicadoras de desequilíbrios e de doenças do solo e não um problema em si mesmas, citando o texto *Homem na natureza - a cultura na agricultura*, de Ernst Götsch (1997); e termina com a palavra "mato", contando que eles protegem o solo e são a fonte da matéria orgânica que faz a vida do solo.

As cartilhas foram fabuladas como um objeto ecopedagógico. A noção de ecopedagogia aparece na *Carta da terra*, um documento alternativo à Declaração Universal dos Direitos Humanos, que introduz a Terra (e a terra) como sujeito de direitos éticos. Ela foi gestada no Fórum Social Mundial do Rio de Janeiro em 1992, a partir da mobilização de diversas entidades civis, ONGs e movimentos sociais. Ouvi a estória da escrita da *Carta da terra* através de uma sábia bolsreira, Moema Viezzer, educadora popular, ecofeminista, uma das criadoras da Rede Mulher de Educação



nos anos 80. Ela me contou sobre escrita coletiva do documento em que participaram pessoas do mundo inteiro, inclusive Paulo Freire e Vandana Shiva. Surpreende o quão pouco ouvimos contar acerca da estória deste documento. Eu nunca tinha ouvido. Depois de sua publicação, em 2000, o Instituto Paulo Freire ficou responsável por abrigar e fomentar projetos de educação pautados nos seus princípios. Ele nunca teve funcionalidade jurídica, mas serviu como baliza para repensar a ecologia, articulando justiça social e equidade. Além disso, ela faz um giro importante ao tentar escapar da postura antropocêntrica que coloca o humano como único sujeito ético. É possível mapear, até 2016, uma série de ações públicas em torno da ecopedagogia. O que muda nessa expressão em relação à educação ambiental é que ela indica um processo mais amplo de educação social e uma transformação cultural em direção à cidadania planetária. A ecopedagogia, ou biopedagogia, seria, assim, um movimento social visando um novo paradigma ecológico (Gadotti, 2000).

A *Carta da terra* foi uma das sementes que chegaram na "fundação" de Alfa 1. A terceira e a quarta aula foram dedicadas a conhecer esta estória, ler o documento e testar algumas fabulações de práticas pedagógicas que poderiam ser feitas a partir dele. Não tínhamos o objetivo de criar um projeto com ela, mas de testar a potência e inspirar o percurso. Compartilhamos as propostas imaginadas e ficamos impressionados com as possibilidades que o documento trazia. Mais do que tudo, foi vital para os habitantes de Alfa 1 saber que no final dos anos 90, quando muitos ainda estavam para nascer, o Brasil gestou um movimento tão amplo, tão esperançoso, e que havia muita gente trabalhando no sentido de uma mudança ecológica radical. Definitivamente essa era uma das sementes para colocar na sacola, era uma estória que valia a pena ser contada, uma estória de vida. Então, a "bolsa de sementes" que tínhamos como objetivo realizar, ganhava essa herança intergeracional, sendo filha da *Carta da terra* e um artefato ecopedagógico.

Assim, o trabalho sobre a Cartilha do solo vivo ganhava este vínculo com os projetos de educação popular que pensam a ecologia como um movimento social e cultural amplo. Por isso, uma pergunta era decisiva para nós: como poderíamos levar adiante, de forma simples, para aquelas e aqueles agricultores que conhecemos nas placentas de Gaia, os conhecimentos científicos da agroecologia que aprendemos com a leitura do *Manual do Solo Vivo*, de Ana Primavesi, a teoria da trofobiose, de François Chaboussou, e os princípios da agricultura sintrópica, de Ernst Götsch? Para produzir o material nos inspiramos na visita do Coletivo Cru-Solo, que compartilhou conosco a



necessidade de ter conhecimento acessível sobre as técnicas de plantio; e na cartilha de educação popular desenvolvida pelo projeto seringueiro nos anos 80, no Acre, a *Poronga - 1ª Cartilha Popular: de seringueiro para seringueiro. Tema: os mistérios da caça* (1984), escrita e desenhada à mão por Hélio Holanda Melo, e que se tornou o modelo para nossa própria cartilha.

Partindo deste modelo, foi importante observar com muita sensibilidade o modo como ela tinha sido construída. O pdf em que trabalhamos permitia ver as marcas do tempo no papel amarelado. Desenhada com canetinha preta ou nanquim, os desenhos, seguidos de textos narrados em formato de conto, têm força e expressividade. Ela é subdividida em capítulos a partir de cada um dos animais: o tamanduá-bandeira, o queixada, o caititu, a onça, a anta, a paca, o tatu, a tirambóia, a cotia, o janaú, o macaco, o quati, o veado, o maracajá, a capivara, a lontra. Segundo o autor, a cartilha "fala não só dos animais que vivem na floresta, mas de seus mistérios". Cada desenho de um animal é seguido de uma história "falando um pouco da vida de cada qualidade de animal", "estórias essas que parecem lendas mas que na realidade são verídicas", que se confirma através da experiência das longas caminhadas do "homem da mata".

Com esse modelo em mãos, começamos a testar algumas possibilidades de montagem da nossa cartilha do solo vivo. E chegamos na ideia de substituir os animais por seres da rizosfera que compõem a biocenose do solo: bactérias, fungos, nematoides, ácaros, térmitas, insetos, seres da micro e da macrofauna, etc. Sabendo que a expressão "solo vivo" de Ana Primavesi indica um outro modo de olhar para o solo, em que ele não é fértil, mas vivo; em que ele não é mero suporte mineral para a planta, mas uma comunidade biótica que faz a saúde e a vida mesma da terra; então, tínhamos todo um mundo de novos seres para inserir na cartilha. Mais do que isso, para contar a história desses seres havia ainda um bom desafio, que era narrar a "qualidade" desses seres e não simplesmente a sua função. Era necessário, portanto, imaginação e sensibilidade para com eles, para mudar uma perspectiva, para substituir o asco, o nojo, a repulsa pelos seres que vivem no solo, ou voam sobre ele. Era necessário amor e conhecimento, conhecê-los neles mesmo, não em sua mera utilidade.

Seguro nas mãos a segunda bolsa que tirei da caixa. Deslizo os dedos sobre ela tentando descobrir qual o tecido, a textura, a matéria de que é feita. É um tecido fresco, leve, mas não frágil. Observo as dobras da costura, de frente e de trás, por dentro. Me parece uma fronha antiga de travesseiro, daquelas que poderia ter na casa de uma avó, e que foi dobrada em formato de um quadrado



costurado com uma linha laranja de crochê. Não é uma simples costura, mas uma costura bordada, como se fossem duas tranças. A bolsa fecha como um saquinho quando puxo as duas fitas finas, uma para cada lado. Fechada, apertadinha, ela forma como se fosse uma flor em cima, por causa da faixa grossa de crochê feita nas bordas com a mesma linha laranja.

Abro o saquinho-bolsa-de-crochê e tiro de dentro a Cartilha do Solo Vivo. Parece que estou pegando a antiga Cartilha Poronga nas mãos, porque o estudante hospedeiro de Alfa 1 usou o mesmo modelo, letras, tipo de grafia, o fundo amarelado da folha parecendo marcas do tempo e desenhos feitos à mão. Na capa, há um desenho de uma comunidade de cogumelos, flores, abelhas e borboletas. A cartilha foi escrita como se fosse um conto que conta a estória de um agricultor que teve a sua lavoura destruída por "pragas". Desconsolado e com muita raiva dos seres animais, ele resolve ir atrás de pesticidas. "Porém, quando estava prestes a sair, um gafanhoto passou perto dele e lhe chamou, para lhe dizer o porquê das pragas":

Explicava que eram mensageiras dos céus com a função de indicar a desarmonia do solo e que tinham uma fome insaciável e por isso, adoeciam o solo, que adoecia as plantas e que adoecia todos que estivessem nos arredores. O gafanhoto enfatizou que havia problemas com o solo, mas também explicou sobre os microorganismos presentes naquele solo que o ajudavam a ficar vivo, como bactérias fixadoras de nitrogênio, seres decompositores, entre outros organismos que desempenham funções necessárias para a vida. Então, se o agricultor fosse atrás de agrotóxicos, não só mataria as pragas mas diversos microorganismos benéficos. (Renan, 2023)

A partir daí o agricultor iniciou uma jornada de estudos e de pesquisas para entender o que é o solo vivo. Para começar a busca, ele foi conversar com a água, que lhe contou de sua "importância no transporte de oxigênio, na realização das reações químicas e na regulação da temperatura". Porém, para a água fazer o seu trabalho, ela precisa que o solo esteja descompactado e agregado para poder se infiltrar devagarzinho e dissolver os minerais e os compostos orgânicos, tornando-os acessíveis para as raízes de plantas. Cativado pela conversa com a água, ele seguiu o seu conselho de seguir a pesquisa conversando com as minhocas e a serrapilheira. "O agricultor foi sem hesitar". E então, ele conversou com a minhoca e, depois, com a serrapilheira, com quem descobriu a sua extrema importância. Descobriu que a serrapilheira se constitui a partir do acúmulo de folhas,



galhos e seres mortos em decomposição. Ao se depositar sobre o solo, essa matéria orgânica vai formando uma camada espessa que funciona como uma esponja natural que regula a umidade do solo e abriga os microorganismos e bactérias que a decompõem. Para isso, as minhocas são fundamentais, porque elas transportam a matéria orgânica decomposta através de túneis por toda a extensão do território, espalhando o húmus através de sua digestão.

Cada ser ali sabia da função do outro, a serrapilheira falou muito bem da minhoca e vice versa. Viviam como se dependessem um do outro, estavam intensamente conectados. O agricultor começou a entender essa dinâmica complexa da natureza, mas foi orientado pela minhoca e pela serrapilheira a ir atrás das abelhas para conhecer mais sobre o solo vivo. Novamente, o agricultor continuou o seu caminho. (Renan, 2023)

Neste momento, a cartilha narra que o agricultor, ao se encontrar com as abelhas, ficou “incomodado” porque ele não gostava nem das pragas nem das abelhas, por temer as ferroadas delas. Ainda assim, ele resolveu se aproximar porque realmente queria entender melhor sobre o solo vivo. As abelhas contaram ao agricultor que elas estão associadas à biodiversidade e à sintropia dos seres, pois em virtude de sua capacidade de espalhar pólen, enquanto voam entre as flores e a colmeia, elas auxiliam no nascimento de novos frutos e sementes: "o agricultor passou a ver as abelhas com outros olhos, pois percebeu que elas transportam a vida em seus corpos". "Por fim, o agricultor agradeceu às abelhas por quebrarem essa visão distorcida que ele tinha delas", e seguiu a viagem para buscar mais conhecimento.

No caminho, encontrou mais aprendizados com as árvores e os fungos micorrízicos. No começo achou estranho aquele lugar cheio de fungos; "com repulsa, passou por eles e se deparou com uma grande árvore a quem lançou questionamentos", pois queria saber por que ela morava num local tão esquisito quanto aquele. Estranhando essa pergunta, por ele não perceber quão lindo e cheio de vida era esse lugar, ela começou a explicar que um solo saudável tinha a presença tanto das rizobactérias, que auxiliavam na absorção adequada de nutrientes e protegiam contra invasores de nutrientes das plantas, quanto dos fungos, que falaram por eles mesmos. Os fungos explicaram que a sua associação com as raízes das árvores os beneficia mutuamente. Tanto as árvores podem superar a limitação de acesso aos nutrientes do solo, graças aos fungos associados



às suas raízes, que garantem uma maior extensão para a interface de absorção; quanto os fungos obtêm açúcares da exsudação das raízes para sua própria alimentação.

Assim, depois da longa jornada, o agricultor finalmente voltou para a sua terra. E o conto da Cartilha do solo vivo, feito por esse habitante de Alfa 1, vai chegando ao seu final. Caminhando lentamente, o agricultor para em frente a uma árvore e observa o canto do pássaro. Nesse momento, vem em sua cabeça toda a complexidade que trama a vida e ele percebe que entendeu a dinâmica da regeneração da terra e o que ela precisa.

Na última página da cartilha, vemos um desenho muito bonito de um homem mais velho, possivelmente um avô, que caminha com sua bengala, de mãos dadas com uma criança. Caminham de costas em uma mesma direção, como se essa estória pudesse seguir sendo contada, gerando novos frutos e um outro futuro para a criança. O desenho expressa a transmissão de conhecimentos e sabedorias acerca dos processos de cultivo sobre o solo entre as gerações que, juntas, podem finalmente caminhar em direção à "jornada pelo solo vivo".

Isto me faz lembrar das outras estórias que as bolsas guardam nas suas dobras e costuras. Lembro que este último bolseiro nos contou publicamente sobre como foi o trabalho de costura e como esse gesto propiciou um reencontro com a mãe que lhe ensinou os pontos do bordado e como, juntos, costuraram a sacola. Lembro da estória da primeira bolsa aqui narrada, feita em jeans e tecido de rosas. A mãe da bolseira havia falecido há pouco tempo e desde então ela não havia mexido nas lembranças materiais da mãe. Durante uma roda de conversa, ela nos confidenciou que a costura da bolsa fez emergir sentimentos profundos, porque foi a primeira vez que ela conseguiu levantar o tecido que cobria a máquina de costura em que a sua mãe trabalhava. Emocionada, ela compartilhou o pesar de não ter tido tempo de aprender a costurar com a sua mãe, mas que sentia que a bolsa teria sido apenas a primeira das costuras ainda por vir: uma costura que teceu o reencontro com essa mãe, para honrar esta memória, para estar perto e para seguir caminhando e costurando vidas juntas.

Costurar bolsas de sementes parece ser, assim, um gesto de reverenciar as vidas que já se foram e elaborar lutos e perdas. As bolsas nos surpreendem pelas estórias que elas carregam, especialmente quando olhamos bem de perto nos detalhes das costuras. Ao final do curso, fizemos um Luau, um ritual de encerramento, a céu aberto, sob a Lua, no território fantástico de Alfa 1. Levamos todas as bolsas, além de comidas, sucos e chás, e depositamos sobre um tecido indiano



com a imagem de Ganesha. Em torno dele, cada pessoa foi contando a estória de sua bolsa. Ao fim daquela noite, antes de partirmos, decidimos acender uma vela embaixo do pergolado de madeira, num canto escondido entre dois tijolos, como parte de um ritual ecumênico improvisado. Pensamos nas pessoas que morreram na pandemia. E reverenciamos a memória da mãe da bolseira. Meses depois, eu continuava passando no mesmo lugar para ver se a vela ainda estava onde a deixamos. Ficou ali bastante tempo. Agora já não sei mais, mas aquele lugar nunca mais será o mesmo para algumas de nós. Ele compõe semiótica-material da fábula de Alfa 1.

Então, hoje, nós lembramos dos amigos e familiares que perdemos. Falamos de nossas lembranças individuais e citamos passagens da Bíblia, Versículos da Semente da Terra e trechos de canções e de poemas que eram preferidos dos vivos e dos mortos. Então enterramos nossos mortos e plantamos carvalho. Depois, nós nos sentamos juntos, conversamos, fizemos uma refeição e decidimos chamar este lugar de Bolota, o fruto do carvalho. (Octavia Butler, 2018, p. 408)

A escrita deste texto vai sendo feita numa montagem de lembranças, textos, conceitos, ideias, materiais e gestos, além da respiração e das emoções, que são elas mesmas as linhas da costura. Neste momento, guardo a “Cartilha do solo vivo” dentro da bolsa-flor-de-crochê e a fecho, puxando novamente as duas cordinhas. Delicadamente e com muito mais respeito, a coloco junto com as demais bolsas-irmãs naquela caixa de bolsas de sementes; e preparo para a jornada final dessa escritura.

Costurando futuros com as *crias do composto*

(...) a escrita não é um simples instrumento (Ana Godoy, 4/09/2024) [18]

Para as compostistas, contar estórias era a bolsa de sementes para o florescimento (Donna Haraway, 2023, p. 270)

Gostaria de terminar seguindo de perto o último capítulo do livro de Donna Haraway em *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*, escrito por ela em 2016 e traduzido no Brasil em 2023, intitulado "Estórias de Camile: as crias do composto". Acredito que ele permitirá um bom arremate das costuras, sem precisar dar nó ou fechamento definitivos. Eu não o havia lido com tanto



cuidado na época em que a pedagogia da bolsa de sementes foi gestada. Precisou de um ano para conseguir ligar as coisas.

"Estórias de Camille" é um escrito ficcional feito por Haraway depois de uma imersão de uma semana em uma oficina de escrita realizada na França, em 2013, por ocasião do colóquio *Gestes spéculatifs* organizado por Isabelle Stenger. Divididos em grupos de duas a três pessoas, a tarefa era "imaginar um bebê e, de alguma maneira, fazer com que essa criança atravessasse cinco gerações humanas" (2023, p. 243). Eu gostaria de colocar esta tarefa no centro de nossa atenção neste final de texto, para conseguirmos fabular junto com as *compostistas*. Porque eu imagino que esta tarefa (que poder ser posta em perguntas sobre *como* e *para quê* educar; *o que pode* a educação em tempos de colapsos; o que significa ser professor nesses tempos turbulentos) é de interesse vital para muitas e muitos de nós. Eu sinto que é ela que vem trançando desde o começo, e até antes disso, o trabalho e a escrita em torno das bolsas e das sementes. Ao ler esta frase, expressa como tarefa, fui firmemente tocada.

Na estória de Haraway, as "crias do composto" escrevem estórias e vivem-criam-fazem "comunidades dos compostos", sendo as "Estórias de Camille" uma estória tecida junto a uma dessas comunidades - aquela que se reuniu em torno de uma oficina de escrita. Durante a semana em que compartilharam a escrita, foram feitos relatos de muitos tipos de futuros possíveis. No entanto, "Estórias de Camille" é o resultado de um segundo gesto especulativo, pois foi escrito depois de encerrada a oficina: "trata-se de uma recordação e um chamado a um 'nós' que veio a existir por meio da fabulação conjunta de uma estória durante um verão na Normandia" (2023, p. 243). A escrita, que começou junto, em *co-presença*, continuou depois de outros modos, num retorno ao escrito original e elaborações posteriores.

Se destaco este segundo gesto é porque ele nos diz algo sobre a tarefa de escrever estórias como ato de fazer composto. Como gesto, escrever estórias implica – e isso é fundamental - o trabalho de costurar estórias *tecendo comunidades interconectadas*. Por isso, cuidar dos corredores, das conexões entre os lugares, é vital para os seres compostistas. Nesta escrita, importa menos as utopias ou as distopias muito distantes - em cujas estórias ela também se inspira -, do que: a) um "projeto piloto, um modelo, um objeto de jogo e de trabalho para a composição de projetos coletivos" para o "encontro com seres terrenos"; b) um tipo de imaginação específica em que a própria escrita da estória produz e é produzida "sobre e sob a terra" (2023, p. 246). Tal como



"Estórias de Camille", as estórias contadas pelas "crias do composto" interconectam as comunidades de mulheres rurais de povoados em ruínas nas proximidades de minas de carvão; movimentos de resistência contra a extração de areia betuminosas; movimentos de solidariedade à resistência de povos, alianças ativistas de todos os tipos, e muitas outras comunidades de todo o planeta que foram compelidas "a migrar para lugares em ruína a fim de trabalhar com parceiros humanos e não humanos para curar esses lugares, construindo redes, trilhas, nós e teias de e por um mundo novamente habitável" (ibidem, p. 247).

"Estórias de Camille" é movida por essa "pressão vital" de fabular, ao longo de cinco gerações compreendidas entre o nascimento de Camille 1, em 2025, e a morte de Camille 5, em 2425, as possibilidades de aprendizagem que podem nos tornar *co-responsa-hábeis* diante dos seres por vir. No cerne da prática pedagógica das comunidades do composto está "aprender a viver em simbiose", "aprender e viver em caminhos e encruzilhadas, com outras pessoas e seus simbioses [animais em extinção], em alianças e colaborações necessárias para que a continuidade da vida seja possível" (2023, p. 253). A estória de Camille 1 nos ensina a ver melhor onde estamos e o que podemos fazer agora. Pois foi justamente entre os anos de 2000 e 2050, durante a chamada Grande Vacilação de "angústia generalizada e inefetiva diante da destruição", que as pessoas começaram a entender que era necessária uma ação radical e passaram a se dedicar a reparar lugares devastados, cultivar a amizade como prática de feitura de parentes, fomentar a hospitalidade como obrigação elementar e fonte de renovação mútua, criar vilarejos-sementes para acolher o número cada vez maior de imigrantes das ruínas: "esses agrupamentos se chamavam Comunidades do Composto, e as pessoas que os integravam chamavam a si mesmas de compostistas" (ibidem, p. 262).

Não vejo como fechar a costura desse texto com palavras de mediação. Vou deixar os laços um pouco soltos, para que novas pontas possam ser trançadas. São tantas as encruzilhadas que costuram as práticas e o encontro com as Camilles, que gosto da ideia de terminar esse texto com convites e inspirações. Porque esta estória, tal como está, me emociona e me (co)move. Gosto de ver a pedagogia da bolsa de sementes como uma cria estranha desse composto, para poder reconhecer e interconectar outras crias de práticas compostistas e, "apesar dos perigos extremos" e do trabalho que "poderia fracassar a qualquer momento", contribuir para "a construção de uma terra habitável em tempos continuamente turbulentos" (2023, p. 258).



Minhas estórias são, quando muito, figuras de barbante sugestivas; elas aspiram a uma trama mais cheia, que ainda possa manter os padrões abertos, com locais de vínculo que se ramificam até aqueles e aquelas ainda por vir que as contarão. Espero que leitoras e leitores mudem partes da estória e a levem para outros lugares, ampliando, materializando, corporificando e reimaginando os modos de vida das gerações de Camille. (Haraway, 2023, p. 258).

Bibliografia

- CALLAHAN, Manuel; PARADISE, Annie. [Fierce Care Politics of Care in the Zapatista Conjuncture](#). UNITIERRA-Califas, 2019.
- FALEIROS, Álvaro. **Grimório**: a tradução dos limites da "prosa". Revista de Letras, p. 47-54, 2009.
- FAUSTO, Juliana. **A bolsa de Le Guin**. In LE GUIN, Ursula. A teoria da bolsa de ficção. (Introdução de Juliana Fausto). São Paulo: N-1 edições, 2021.
- FREITAS, Alexandre. **Memórias e narrativas míticas do homem do campo do Ibitipoca**. Uma leitura bachelardiana. (Pós-fácio de Lea Tosold). Lisboa, São Paulo: Lisbon International Press, 2022.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Petrópolis, Brasil, 2000.
- HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autentica, 2009.
- HARAWAY, Donna. **Receiving three mochilas in Colombia**: carrier bags for staying with the trouble together (Introduction). In LE GUIN, Ursula. The carrier bag theory of fiction. London: Ignota, 2019.
- HARAWAY, Donna. **Ciborgues e Simbiontes**: viver junto na nova ordem mundial. In: Revista Climacom. Ano 08, n. 20. UNICAMP, 2021.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1, 2023.
- LE GUIN, Ursula. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: N-1 edições, 2021.



MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, p. 57-71, 2015.

PRIMAVESI, Ana. **Manual do solo vivo**: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

PRIMAVESI, Ana. **A convenção dos ventos**: agroecologia em contos. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

REBELLO, José Fernando; SAKAMOTO, Daniela G. **Agricultura sintrópica segundo Ernst Götsch**. 2ª edição. São Paulo: Editora Reviver, 2022.

STENGERS, Isabelle; DESPRET, Vinciane; HARAWAY, Donna. En finir avec l'innocence: dialogue avec Isabelle Stengers et Donna Haraway. DORLINS, Elsa; Rodriguez, Eva. **Penser avec Donna Haraway**. Actuel Marx Confrontation. Presses Universitaires de France, 2012.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Marília Mello Pisani, professora e pesquisadora do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do ABC. E-mail: marilia.pisani@ufabc.edu.br

[2] Sobre o uso das palavras história e estória, sigo a explicação dada por Ana Luiza Braga, tradutora do livro “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno” (2023), de Donna Haraway: “Embora os sentidos dessas palavras sejam entrelaçados, *estória* faz referência a narrativas fabuladas em que se mesclam fato e ficção, com especial atenção à forma da narração, enquanto *história* remete aos acontecimentos do passado conforme a narrativa historiográfica”, conforme a nota 7 (Ana Luiza Braga, in Donna Haraway, 2023, p. 17).

[3] Utilizo o conceito de rizoma de um modo desprezioso e modesto. Isso significa que não o assumo como um conceito central deste trabalho, mas tomo-o como um conceito amigo, que permite tecer laços e companhias. Ele chegou a mim através das aulas oferecidas pelas professoras Ana Maria Preve e Michele Fernandes Gonçalves, no Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, no segundo semestre de 2024, que pude acompanhar online e,



algumas vezes, presencial. Além das aulas, elas propiciaram debates com estudiosas e estudiosos da cartografia, dos rizomas e de Deleuze e Guattari. O texto fundamental do curso foi a “Introdução: Rizoma”, que abre o livro “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, volume 1, de Deleuze e Guattari (2021). Foi especialmente marcante a aula que abriu o curso, com Ana Godoi, e é nela que me inspiro para abrir este texto com esta palavra. Do que pude apreender, o conceito de rizoma indica um modo de gerar conhecimentos e práticas alternativas ao que se chama de estrutura arbórea determinista, que fixa, totaliza, hierarquiza e unifica o conhecimento em estruturas taxonômicas. Com o rizoma, “esse gesto político de Deleuze e Guattari”, como ela disse, o conhecimento e as práticas abrem-se à possibilidade de acessar aquilo que ficou de fora das estruturas de unificação, o que não coube, o que foi apagado e eliminado na classificação, dando a ver os pontos de conexão mais do que de separação, como gesto que encena, experimenta e explora as formas alternativas de viver e de conhecer. “Pois esse é o modo como a vida se expressa” (Ana Godoi). Trata-se de conhecer em trânsito, o que faz do processo de escrita, pesquisa e conhecimento algo tão importante quanto o resultado. Assim, a leitura mesma do texto “Introdução: Rizoma” precisaria se dar de outro modo, segundo ela, pois este não é um texto para se estudar, entender e explicar, como se fosse possível unificar o conceito. De modo outro, a leitura abre possibilidades de fazer compor, ecoar, mover, para além dele - ou seja, fazer rizoma.

[4] Notas de aulas do curso “Cartografias intensivas em educação”, oferecido pelas professoras Ana Maria Preve e Michele Fernandes Gonçalves e mencionado na nota 3.

[5] Notas de aula do curso “Cartografias intensivas em educação”.

[6] Ao longo deste ensaio, utilizarei diversas vezes a palavra *fabulação*, cuja inspiração vem dos trabalhos de Donna Haraway. O gesto epistemológico e político da *fabulação* emerge em um contexto em que a autora tenta se livrar do cinismo apocalíptico frente aos desafios das crises em que vivemos, assim como das soluções tecnofílicas de gestão das catástrofes a partir do mero incremento tecnológico. Mais do que um jogo das formas *a priori* do conhecimento, e da imaginação como intermediadora entre a razão e o entendimento, a *fabulação* é uma prática implicada com as consequências, um modo de gerar conhecimentos a partir de práticas que se articulam intencionalmente a modos de vida que estão sendo ameaçados e que podem fazer emergir práticas outras em articulação. Não se trata, assim, de uma atividade de produção de futuro, de inversão de utopias para depois, quando tudo melhorar; mas de fazer agir uma prática *fabulatória* nas contradições e em conexão com as ações no presente. O conceito está intimamente ligado ao termo “SF” que aparece ao longo do seu trabalho: SF (ou FC, na tradução brasileira de “A Reinvenção da Natureza”) indica fato científico, ficção científica, feminismo especulativo, figura de barbante. Ver Donna Haraway, “Ficar com o problema: fazer partes no Chthuluceno” (2023). Recomendo especialmente o último capítulo, a *fabulação* intitulada “Estórias de Camille: as crias do composto”.

[7] <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfa>; [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfa_\(biologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfa_(biologia))

[8] Ao longo do texto, farei intervenções nas palavras generificadas. Algumas vezes utilizarei a letra “e” para substituir “a” e “o” indicando uma palavra neutra; outras utilizarei o masculino e o feminino; haverá ainda aquelas em que manterei a palavra generificada, a depender do contexto. Não assumo aqui uma postura fixa perante às palavras generificadas, procuro utilizá-las conforme seja mais interessante para a descrição, a contextualização, a interlocução,



visando jogar as palavras e sentidos. A cada interferência na palavra, há interesses sendo colocados em questão. Neste caso, a palavra “outres” se refere a habitantes de um planeta localizado num lugar-outro, fabulado. O gesto é intencional. Tem contexto e intenção.

[9] <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quarentena>

[10] Para acessar o plano de ensino completo da disciplina, usar o link disponível em: https://www.academia.edu/107412894/Plano_de_curso_Pr%C3%A1ticas_de_Agroecologia_de_s_colonizando_saberes_sobre_manejo_e_cultivo_em_solos_tropicais_2023

[11] Gostaria de agradecer imensamente a Alexander de Freitas, Marinê Pereira, Bruna Mendes, Michele Bonote e Mayra Bressanin pelo período de convivência e pelos aprendizados na gestação e produção do Projeto de Extensão “Práticas de Agroecologia: de(s)colonizando saberes sobre manejo e cultivo em solos tropicais”.

[12] Remeto aqui ao ensaio “Quando a filosofia se torna sementes: viagem através de mundos artefactuais e (im)prováveis encontros”, publicado em dossiê na Revista *ideação* (Pisani, 2020). Acesso em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/revistaideacao/article/view/5479>

[13] Para alguns trabalhos da Coletiva Uirapuru, acessar os links da instalação audiovisual “Mulheres vivas, Floresta em pé: escutas de (r)existências” (2020) em <https://www.dystopie-festival.net/2020/coletiva-uirapuru/?lang=en>; e o artigo “Eu conhecia o estatuto da terra”: relato de Dercy Teles acerca da luta nos seringais de Xapuri” (2024), organizado por Dercy Teles, Mariana Ruggieri, Giovanna Moller, Léa Tosold, Luciana Furlanetto Pereira, Marília M. Pisani e Juliana de Souza, acessível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/17948>

[14] Poronga é o nome dado pelos povos da floresta à lamparina de lata que funciona à base de querosene e é usada na cabeça pelos seringueiros durante a entrada na mata para retirada de látex. A Cartilha Poronga chegou às minhas mãos através do encontro da Coletiva Uirapuru ocasionado no Acre, na Reserva Chico Mendes, em 2018. Foi Dercy Teles e sua filha Thainá, membras da Coletiva, que escanearam o material e nos enviaram por e-mail. Para conhecer sobre a vida e luta de Dercy, acessar o link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dercy_Teles

[15] O trabalho com diários começou a partir de uma docência compartilhada com o professor Alexander de Freitas (UFABC), na disciplina *Laboratório de ensino de filosofia*, no Mestrado Profissional Prof-Filo no ano de 2017. De lá segui usando em outros contextos de disciplina, mas durante a pandemia nos reencontramos para um segundo trabalho conjunto com diários, em uma oficina online de acolhimentos de estudantes ingressantes, que desta vez contou com a participação da professora Marinê Pereira (UFABC). Ambos os experimentos foram relatados em um artigo intitulado “Reflexões acerca da natureza do Mestrado Profissional em Filosofia a partir da experiência com a disciplina ‘Laboratório de Ensino de Filosofia’” (Freitas; Pisani, 2017) acesso em <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/17182>; e o livro intitulado “[P] Pandemia: experiências” (Freitas; Pereira; Pisani, 2021).

[16] *Uilikandê* é uma palavra tupi usada pelos povos indígenas Cabixi-Nambiquara, originários da região hoje conhecida como o Estado do Mato-Grosso, para se referir ao poder de unir, de ligar junto, próprio ao seu tipo de chefia indígena, que não passa por uma relação de comando-obediência.



[17] Recomendo aqui os trabalhos de Willian Pietz, "*Le fétiche. Généalogie d'un problème*" (Paris: Editions de l'Eclat, 2005) e de Peter Stallybrass, "O casaco de Marx: Roupas, memórias, dor" (Belo Horizonte: Autêntica, 2013).

[18] Notas de aulas tomadas no curso “Cartografias intensivas em educação”.